

# A AÇÃO LINGÜÍSTICA NA TRANSFORMAÇÃO DOS DISCURSOS E DOS ESPAÇOS POLÍTICOS

Eleni Jacques Martins

**RESUMO:** *Selon les pré-supposés théoriques de l'auteur, l'analyse des relations énonciatives est développée en deux niveaux d'énonciation: le niveau discursif — où le sens est donné par la construction collective des discours — et le niveau de l'action linguistique — où le sens est agencé par l'emploi individuel des ressources linguistiques. Dans cet article, l'auteur examine le démontage des stéréotypes discursifs sous l'action linguistique. Pour ce faire, l'auteur examine dans l'espace politique l'enjeu entre un discours établi et un discours nouveau pour déterminer comment la stabilité sémantico-idéologique du vieux discours est ébranlée par la force dynamique de l'action linguistique qui pénètre et déforme la cristallisation discursive des anciens rapports de force, en les transformant graduellement dans les discours d'un nouvel ordre.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *relações enunciativas, contexto discursivo, contexto da enunciação, contexto da ação lingüística, lugares sociais, contexto perlocucional, estratificação semântica, reversão de estereótipos discursivos, trabalho semântico.*

## **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**

Este trabalho se constituirá basicamente na tentativa de explicar como se dá a reversão dos estereótipos discursivos pela ação lingüística. Para explanar meu ponto de vista, tomarei como base para reflexão o espaço político, onde vigora uma dialética do velho — na forma de discursos estereotipados — e do novo — na forma da destruição desses estereótipos pela ação lingüística. Investigando a linguagem, pode-se, pois, captar os momentos em que o poder político do discurso estabelecido é corroído pela ação da palavra original e agressiva que, aos poucos, se transformará no discurso da nova ordem, e assim sucessivamente.

Para sustentar meu ponto de vista sobre a mudança dos discursos e de seus

poderes políticos, defendo a posição teórica de que toda análise sobre as relações enunciativas deve processar-se em dois níveis de enunciação, o discursivo e o da ação lingüística, dialeticamente relacionados na sua interação semântica. A novidade de minha proposta está, pois, em considerar a constituição semântico-pragmática da enunciação como um processo que se realiza de dois modos: o sentido é em parte *dado* pela construção coletiva do discurso; em parte *agenciado* em cada relação enunciativa, pelo manejo individual dos recursos comuns da ação lingüística, que se tornam particulares na sua combinação com o conteúdo semântico do nível discursivo.

Desse modo, embora os enunciados discursivos também se constituam a cada evento de enunciação, eles são susceptíveis de uma classificação, ou pelo menos de uma qualificação semântica, que os precede, na medida em que, pelo significado do que é dito, remetem a discursos possíveis ou em circulação na sociedade. O conteúdo semântico desses discursos configura cultural e ideologicamente uma classe social, um grupo étnico ou etário, uma categoria profissional, uma instituição jurídica, religiosa, política, etc., que se atualizam pelo contexto discursivo como lugares sociais: o empresário de tal ou tal grupo, o padre progressista, o cidadão classe média de tal profissão, etc. Evidentemente, as relações entre discursos e lugares sociais não são unívocas. Diversos papéis subsistem e se cruzam em cada discurso. Só num contexto discursivo específico de uma relação enunciativa determinada é que se pode identificá-los como sendo este ou aquele o lugar social predominante, ou pelo menos aquele que nos interessa considerar. Os discursos se interpenetram ou se opõem e, da mesma forma, os lugares sociais se confundem ou confrontam. Neste ponto, sigo de perto o cerne de algumas idéias de Michel Pêcheux, sem, no entanto, contentar-me em simplesmente reproduzi-las, com o quê certamente concordarão seus leitores atentos.

O outro nível pragmático da enunciação é o da ação lingüística. Nesse nível, o *eu* e o *tu* assumem o papel de enunciadorees que instauram um contexto, que chamo de perlocucional e no qual agem ou interagem lingüisticamente. O que essencialmente diferencia este nível do anterior, entretanto, é o fato de que, nele, não se estabelece um contexto semântico no qual o *eu* e o *tu* vão constituir-se, visto que isso já terá ocorrido no nível anterior. Neste, os interlocutores instauram um contexto de ação, e, na interação, vão realizar o que chamo de trabalho semântico sobre os contextos discursivos, ou vão realizar manobras pela posse e retenção da palavra. O trabalho semântico se realiza sobre os significados constituídos no nível anterior, através de um deslocamento dos enunciados em relação a suas origens discursivas, o que afetará as relações *eu-tu* já estabelecidas.

Tomei da teoria dos atos de fala o termo perlocucional para caracterizar o contexto da ação lingüística, dado seu caráter dinamizador de relações. Só que não interpreto essa dinâmica como produzindo efeitos comportamentais exteriores ao âmbito da enunciação como ocorria em Austin. Caracterizei o contexto perlocucional como aquele a partir do qual se dinamizam as relações *eu-tu*,

estabelecidas no nível discursivo, ou da própria ação lingüística. E essas relações são interpessoais no sentido lingüístico do termo, já que se configuram pelo *eu* e o *tu*.

A partir desses pressupostos, traduzo a idéia que quero expressar: quando falo no “reverso do estereótipo na ação lingüística” quero afirmar a hipótese de que, no nível dos discursos, existe uma tendência à estabilidade de padrões semântico-ideológicos que determinariam uma cristalização das relações *eu-tu*, não fosse a existência de um segundo nível, o da ação lingüística. Este segundo nível contém a força dinamizadora que incide sobre os contextos discursivos e a relação *eu-tu* por eles estabelecida, interrompendo a tendência inercial de padrões semântico-ideológicos e a cristalização das relações interpessoais neles constituídas. Aplicando essa tese ao plano político, deduzo que as posições políticas e as relações de poder tendem, pela força inercial dos discursos, a manterem-se inalteradas, mas isso não acontece porque existe sempre o choque com outros discursos, que agem como elementos que penetram e deformam o antigo, ou o choque com a contestação na forma de palavras originais. Tanto o discurso de oposição quanto a palavra que interroga ou nega constituem ação lingüística contra a cristalização dos discursos e a perenidade das relações de poder.

### **UMA ANÁLISE ILUSTRATIVA**

Apresentados de maneira breve, meus pressupostos teóricos e metodológicos, vou parafrasear o ponto de vista acima apresentado, sobre a reversão dos estereótipos discursivos e a conseqüente mobilidade dos lugares sociais e das relações de poder com um exemplo que pretendo ilustrativo de minhas afirmações e no qual me apoiarei para as explanações seguintes. Trata-se de uma passagem do filme *A Mocidade de Lincoln*, de John Ford, que narra de maneira ufanista uma passagem da vida do futuro presidente dos Estados Unidos, naquele momento, iniciando sua vida pública como advogado. A escolha desse exemplo mostra como inequívoca a ênfase que dou à ação lingüística em minhas análises (Quem tem algum convívio com o cinema certamente está antevendo isso.)

Todos sabemos que John Ford é um dos diretores clássicos do chamado *western* americano, no qual o herói se apresenta como aquele que estabelece uma nova ordem social pela ação individual. E Lincoln, neste filme, é o herói solitário e um tanto soturno que age, só que lingüisticamente. Com ele, o diretor substitui o vigor dos punhos e a mira precisa do revólver pela força expressiva de alusões e ironias com as quais o discurso do inimigo é derrotado num duelo lingüístico definitivo. Como acontece com todo herói típico do *western*, ao final do filme, Lincoln parte, deixando atrás de si um novo espaço urbano em que o poder do latifundiário autocrático e arrogante, ou do aventureiro sem terra nenhuma, é substituído pelo de uma nova classe social, a dos pequenos proprietários. Com estes passa a vigorar uma nova ordem em que o direito de cidadania é ampliado e a

obtenção de novos espaços já não é vista como a aquisição de novas terras. O que essa nova classe vê no horizonte é uma ferrovia e o contato com centros mais avançados em termos jurídicos e sociais. Vejamos, pois, meu exemplo, que pode ser entendido como uma metáfora sobre as relações do discurso com a ação lingüística.

A cena considerada (da qual retiro a passagem lingüística transcrita abaixo) é um julgamento no qual o jovem Lincoln atua como advogado de defesa de dois camponeses pobres, injustamente acusados de assassinato.

PROMOTOR: Membros do Juri.

Não matará! É o que diz o 6º mandamento entregue a Moisés pelo próprio Deus. Não matará! Matt e Adam Clay desrespeitaram este mandamento. Mataram Scrub White. Dois contra um! Atacam-no com suas armas assassinas! Dois contra um... cidadão pacífico. Cumpridor das leis.

LINCOLN: Soube que Scrub lutou muito bem para quem é tão pacífico.

PROMOTOR: (o Juiz dorme profundamente durante a fala do promotor) É verdade, Senhor Lincoln, é verdade. Scrub era um homem! Um americano que tinha nas veias o sangue dos pioneiros que desbravaram o interior, transformando este grande estado no que ele é hoje. Lutou em defesa própria como teria feito com as feras selvagens. Acontece que Scrub White amava a vida, amava o azul do céu de Deus... a carícia delicada do vento sul. Ele amava a vida, mas agora está morto! E ali, senhores, ali estão sentados seus assassinos. Senhores, esses homens devem ser eliminados como se limpa um prato.

(O público reage ruidosamente em apoio às palavras do promotor. O juiz desperta assustado)

JUIZ: Ordem! Ordem! Silêncio! Os rapazes merecem um julgamento honesto antes de serem enforcados. Continue John.

LINCOLN (ao promotor): Que pena que não é candidato ao Congresso. Ou é?

PROMOTOR: Não, estou aqui com a única finalidade de ver a justiça ser feita. Justiça!

LINCOLN (dirigindo-se ironicamente aos réus): É um grande orador!

PROMOTOR (ao júri, que tem um integrante bêbado): Como procurador do Estado de Illinois, senhores, irei provar que, de acordo com as próprias confissões, os réus esfaquearam a vítima até a morte. Eu irei provar também que agiram sob a influência do álcool. Quando houver provado o que afirmo, senhores, espero que estes doze cidadãos leais, inteligentes e dignos julguem Adam e Matt Clay culpados de assassinato.

Mas, nesse julgamento, o que realmente ocorre é um confronto político. O promotor representa não só a ordem social estabelecida, mas a elite política nela constituída, e ambas se expressam por seu discurso, que é o dominante na comunidade e, enquanto tal, previsível. Tanto assim, que vemos o juiz, que naturalmente integra a elite local e compartilha, portanto, desse discurso, dormir profundamente ao ouvi-lo. Por outro lado, vemos o povo, que é a parte manipulável ideologicamente, reagir ruidosamente ao mesmo discurso e assumir o ponto de

vista que ele expressa, que é o do enforcamento dos réus. Ao público, constituído pela camada mais rude da população, ainda não interessa o julgamento como forma de administrar a justiça. Acostumados à brutalidade própria de sua condição de agregados e à serviço dos patrões na execução da violência, interessa-lhes mais o espetáculo de brutalidade do enforcamento daqueles que representam a futura base da sociedade, a classe dos, no momento, pequenos proprietários de terra. Confrontam-se no julgamento o representante da antiga ordem, que naturalmente se intitula representante do Estado, o promotor, e o líder que instaurará uma nova ordem, o herói, Lincoln. A antiga ordem tem seu discurso, a nova mantém-se, ainda, no nível da pura ação lingüística.

Pela lógica do discurso, que é, segundo penso, a de uma inércia que se concretiza na tendência à estratificação semântica, à estereotipia, a expectativa é que os sujeitos, ou lugares sociais, discursivamente engendrados, mantenham suas relações de poder, sobretudo quando se trata de relações políticas. Por essa lógica, as cartas estariam marcadas, e, em nosso filme, Lincoln seria o grande derrotado por representar uma facção da sociedade que é anterior ao discurso fundador de uma nova ordem, na qual, naturalmente, esse grupo só no futuro terá seu lugar político. Por essa lógica, a dupla de humildes camponeses seria enforcada, como já estava desde o início estabelecido nas palavras do próprio juiz. Todavia, não é isso que acontece, porque Lincoln, situado no nível da ação lingüística, insere-se no discurso do outro, e, através de insinuações, ironias, jogos de palavras exerce uma ação corrosiva sobre o discurso do promotor. Atinge profundamente seu conteúdo semântico e destrói sua capacidade de sustentar uma figura social com alguma força e credibilidade. Pelo efeito da ação é que se reverte a força dos estereótipos discursivos nessa relação enunciativa.

Como na maioria dos *westerns*, Lincoln é, pois, o herói que altera, pelo arrojo de sua ação, neste caso, lingüística, uma ordem estabelecida, que é a do discurso. Em decorrência, altera-se, também, a relação de poder entre o *eu* e o *tu* e desfaz-se a previsibilidade da disputa em jogo, que estava configurada em determinado resultado do julgamento.

Em meu exemplo, aparecem dissociados o contexto discursivo e o contexto da ação lingüística, o que poderá conduzir ao entendimento equivocado de que os interlocutores atuam sempre a partir de um ou outro contexto. Busquei um exemplo em que os dois contextos estivessem separados, não porque eles ocorram sempre assim, mas para que ficasse evidente a existência de um contexto de ação lingüística e, assim, eu pudesse defender o ponto de vista que fundamenta meu trabalho — o de que o contexto da ação lingüística também deve ser considerado na análise dos discursos.

Porém o que sobretudo defendo e quis ilustrar através de meu exemplo é o efeito de reversão que tem a ação lingüística sobre a tendência à estereotipia dos contextos discursivos. E tal efeito é uma conseqüência semântica que tiro de meu modelo de enunciação, mais precisamente da relação entre seus dois níveis. O jogo de equilíbrio das relações no interior da enunciação depende do trabalho semântico

que os enunciadores realizam, a partir do contexto perlocucional, sobre os significados dos contextos discursivos. Conseqüentemente, o contexto da enunciação não tem uma configuração discursiva absolutamente estável. O grau de estabilidade semântica dos contextos discursivos em relação aos discursos aos quais estão filiados varia de acordo com a intensidade com que se trabalham os significados a partir do nível da ação lingüística.

Desse modo, o caráter semântico de uma relação enunciativa define-se pela dialética entre a eventual estabilidade da vinculação semântica dos contextos discursivos aos discursos dos quais derivam seus significados e o trabalho semântico realizado a cada relação enunciativa. No caso apresentado, o promotor instaura um contexto discursivo que remete, como disse, ao discurso dominante na comunidade, com todos seus estereótipos sobre a natureza, as leis divinas e dos homens. Mas a relação do que ele diz com o discurso de origem é atacada pela ação lingüística de Lincoln, que insinua que tal ligação é destituída de autenticidade e que o discurso tem valor apenas de manipulação de forças sociais com fins políticos. E, desse modo, fica claro que seu interlocutor não está no lugar social de representante da comunidade, mas de uma facção política em luta pela manutenção de seu lugar até então hegemônico.

Esse deslocamento do contexto discursivo do promotor de sua fonte de significação primeira, o discurso jurídico, para outra fonte, que é o discurso político, enfraquece semanticamente suas palavras. Nessa situação, são atingidos os estereótipos que sustentam o discurso do promotor e seu apregoado lugar social. De tal modo que ele é derrubado no previsível duelo final como alvo fácil da ação daquele que vem para implantar uma nova ordem discursiva e política conseqüentemente.

Terminada sua missão, Lincoln parte tão solitário quanto chegou, como era de se esperar num filme do gênero. Mas sua partida é o início da subida de uma montanha ao som do hino que forma o pano de fundo para sua caminhada. Com esse cenário, o diretor indica que o herói atingirá outro espaço, que deverá ordenar. Só que desta vez o espaço será mais amplo, pois é o de uma nova nação americana que permanecerá sob o domínio político de Lincoln até que outro herói com capacidade de ação maior apareça. E a História nos conta que essa ação foi a da regressão às armas e não a da revolução pela palavra. O homem que o matou, o fez à traição com um tiro certo tal como faziam os pistoleiros do antigo oeste. Em vista disso, morreu o herói, mas não foi atingido seu discurso, que, certamente, ainda se sustenta como um dos fundamentos ideológicos da nação americana.

## ***BIBLIOGRAFIA***

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Harvard, Harvard University Press, 1975.
- FORD, J. *A mocidade de Lincoln*. Twentieth Century-Fox Film Corporation.
- MARTINS, E. J. *Enunciação e Diálogo*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris, Dunod, 1969.

